

AS MATERIALIDADES SIGNIFICANTES DO *HIP HOP*: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO CLIPE "CAUSA E EFEITO"

Raphael de Moraes Trajano
Doutorado/UFF
Orientadora: Bethania Mariani

Com o presente trabalho, almejo colocar em discussão aspectos inerentes ao andamento de minha tese de doutorado em Estudos de Linguagem, desenvolvida na Universidade Federal Fluminense, sob orientação da professora Dra. Bethania Mariani, em que analiso o funcionamento de discursos materializados nas modalidades expressivas do *hip hop*. A partir da relação letra/imagem/musicalidade no clipe “Causa e efeito” (BILL, 2011), veiculado no *Youtube.com*, intento observar as tensões entre posições discursivas assumidas pelos sujeitos que são significados na compleição artística do movimento. Considerando o que é afirmado e o que é silenciado nos imaginários que o *rapper* (re)produz de si e dos que significa como oponentes, investigo o modo de constituição histórico das relações entre sujeitos que se (des)encontram nas equivocidades do espaço urbano.

Uma das razões primordiais que marcam o interesse em (e) laborar um estudo acerca das implicações provocadas por desigualdades e segregações está na busca por novos entendimentos e interpretações do social que permitam rever e aprimorar atividades de trabalho – enquanto docente da rede pública -, por meio do avanço em discussões sobre a reprodução histórica das contradições sociais.

São enormes as disparidades que penalizam grande parte da população brasileira, que se encontra à margem do que é “garantido” – de maneira cínica, digamos – pela Constituição. Desse modo, um sem-fim de sujeitos segue tendo a voz bloqueada, dissimuladamente, por determinações históricas que promovem separações, misérias, exclusões.

Os aparelhos ideológicos e repressivos de Estado (ALTHUSSER, 1980) se mantêm e se fortalecem como aliado fundamental do capitalismo, na administração e

disseminação de práticas de domaço que produzem evidências de igualdade de oportunidades, transferindo para o sujeito a responsabilidade por eventuais fracassos.

De acordo com Orlandi (2008), o sujeito, individualizado e responsabilizado pelo Estado, enquanto cidadão de direito, contenta-se em poder trabalhar, proporcionar o mínimo à família e viver imerso na obviedade de que todos são semelhantes. Nesta imersão, pouco ou nada questiona sobre os lugares que ocupa na cidade e acerca das injustiças que atravessam as relações de trabalho.

O movimento *hip hop* emerge em tais condições históricas de produção, posicionando-se como arte de protesto, de reclamação, de exigência de direitos. Consoante Orlandi (2004), sua modalidade verbal (o *rap*)

(...) funcionando como flagrante, tomado como instalação, é uma modalidade narrativa urbana, cujo lugar é o gueto. Tem sua forma material: o gesto, o lugar, a cena, a palavra, o som, os corpos. Sítio de significação. Concreto. Novo. Deslocamento na materialidade do real concreto urbano na relação com o simbólico. E o que esse deslocamento significa? Fundamentalmente que quando o espaço é silenciado o espaço responde significativamente. (ORLANDI, 2004: 31)

O *rapper* se significa como combatente do descaso, intentando desconstruir a naturalização da indiferença. Desta posição de combatente, significa de inúmeras formas um suposto inimigo, seu opressor, dissolvido entre imaginários de sujeitos e instituições.

O interesse em tecer um estudo de base discursiva sobre a constituição histórica de des-harmonias sociais está ligado a experiências como professor da rede pública, em áreas onde a presença do Estado se impõe, sobretudo, pela entrada da polícia nas comunidades. A opção pelo *hip hop* se justifica por sua autodesignação como ferramenta de revide a ataques seculares, mas também de narração do cotidiano, das tragédias, do amor e da arte de sujeitos da periferia. Em suas denúncias sociais e nas exposições de indignações, o *rapper* narra/interpreta o social a partir de uma tomada de posição demasiado realista. Analisar o *hip hop* como ponto de vista dos que se significam como oprimidos que contra-atacam abre caminhos para se refletir sobre setores que envolvem sua relação com o Estado, em que se inclui, por exemplo, a educação pública.

As particularidades deste objeto de análise impuseram como desafios teóricos: 1) avançar nas reflexões sobre as condições de produção de um discurso circulante em uma plataforma interativa da rede mundial de computadores; 2) formular uma proposta de análise discursiva que vise dar conta da materialidade sonora. Interessa-me fortemente a questão da convivência entre língua (na letra do rap e nos comentários sobre o vídeo), imagem (em sequências narrativas) música – e o atravessamento do discurso do discurso *hip hop* pelo discurso eletrônico, que possui um funcionamento específico (ligando a outros vídeos, exibindo o número de acessos, permitindo comentários, apreciações etc.) e direciona diferentemente a produção de sentidos, enquanto elemento integrante das condições de produção do videoclipe.

O primeiro passo dos procedimentos de trabalho consistiu no levantamento de palavras e/ou sintagmas nomeados, por meio de um recorte minucioso, de *atribuições, pessoalizações, interlocuções, atuações e localizações*, tendo em vista os imaginários de oprimido e opressor, do lugar que cada um ocupa e das relações que mantêm, edificados na letra do rap.

O segundo momento foi de recorte dos enunciados da letra em sua imbricação com as imagens do vídeo, reinscrevendo-se a estética de histórias em quadrinhos. Cada sequência discursiva (SD), "sequências orais ou escritas de dimensão superior à frase" (COURTINE, 1981), representa passagens a novos esquetes, em uma produção constituída como uma narração dividida em fascículos. Observemos um fragmento do recorte e da construção de nosso objeto discursivo:



Fig. 1 – Sentidos na/da imbricação letra/imagem

Dos comentários de internautas, foram selecionados dez que demonstrem reações de *identificação/aderência/admiração/exaltação*, seja ao *hip hop*, ao trabalho artístico em questão, ao *rapper* MV Bill ou às causas defendidas na letra, e dez que apontem para reações de *discordância/repulsa/negação/indignação*.

Um dos impasses que se coloca diante do encargo de analisar o discurso imagético é o de identificar marcas que permitam remeter o dizer à exterioridade que o constitui, já que, na imagem, ocorre um apagamento da passagem dos componentes à textualidade, o que acaba por “interditar que se reencontre a maneira como o efeito estético e significativo é produzido” (DAVALLON, 2010: 31). As vias a que a Análise

no Discurso conduz, em movimentos de leitura e análise, exigem o “desesquecimento” da ilusão de completude da linguagem e dos sujeitos, que leva o analista a dispensar qualquer perseguição de um conteúdo imanente ao texto, seja ele verbal, imagético ou musical. Para a Análise do Discurso, os sentidos não estão na língua nem nos sujeitos, mas na história. De tal modo, todo discurso atualiza sentidos em sua relação constitutiva com uma memória, relação que deve ser analisada, seguindo os rastros, na materialidade discursiva, dos processos ideológicos que determinam os sentidos.

Nesta tentativa/tentação de analisar imagem e música, trago como embasamento a noção de *materialidade significativa* (LAGAZZI, 2010), uma noção que consente ampliar a definição de discurso como “relação entre língua e história” (ORLANDI, 1996), permitindo tomá-lo como relação entre materialidade significativa (língua, imagem, sonoridade) e história. Quando lidamos com a materialidade verbal, é preciso considerar o léxico, a sintaxe do texto, enfim, os elementos que se relacionam na constituição do *intradiscurso*, teorizado por Pêcheux (1975) como o “fio de discurso”. Já na materialidade imagética, o intradiscurso se constitui de elementos como cores, perspectiva, relação luz e sombra, a partir dos quais se pode/deve relacionar o dito ao não-dito, à exterioridade/historicidade que o atravessa no processo de produção de sentidos.

Uma tarefa que assumo como grande desafio, do lugar teórico da Análise do Discurso, é a de analisar a sonoridade do *hip hop*, tanto na relação dos elementos sonoros entre si, quanto em sua relação de composição com as materialidades linguística e imagética no clipe “Causa e efeito”. Kristeva (1988) se pergunta sobre o caráter de linguagem da música, tentando demarcar suas distinções em relação à linguagem verbal. A autora lembra que os sistemas de escritura da língua e da música assinalam suas similaridades e relações.

Neste estágio intermediário de minhas reflexões, aposto em que na organização de ambas as linguagens por princípio de diferenças. E é por este caminho que investido em uma proposta de análise da *materialidade significativa da musicalidade*, a fim de analisar os processos ideológicos que se materializam em complexidades melódicas e rítmicas, dizeres perpassados por memórias históricas.

As questões políticas que o *hip hop* discursiviza têm-me conduzido a importantes discussões sobre a dinâmica social na/da cidade, pela tomada de posição dos que constroem espaços de fala - e imaginários de combate - à revelia das forças que

os cerceiam. Espera-se que os resultados desta análise ofereçam contribuições, com interpretações possíveis que estimulem a elaboração de estratégias e fomentam debates, a fim de que se alimentem imperiosas reflexões sobre como se constituem estados de violência social, precariedade econômica e miserabilidades de toda ordem. Dessa maneira, poder-se-á rever e aprimorar tomadas políticas de posição em lugares em que transbordam os contrassensos apontados neste estudo (por exemplo, a escola).

Em resumo, procuro observar como se constituem historicamente as linhas que promovem separações entre sujeitos fisicamente próximos e socialmente distantes. Os processos ideológicos que determinam os sentidos e(m) relações, segundo Pêcheux (2012) são "heterogêneos, contraditórios, assimétricos e deslocadores", aparecendo aos nossos olhos nas formas socio-históricas, nos métodos pelos quais se organizam as lutas, no forma como se percebem os acontecimentos e no registro da discursividade (PÊCHEUX, 2012 [1982]: 118). Impulsionado por este registro, levo em conta a possibilidade de articulações entre práticas teóricas e atividades de intervenção. Trabalhar em uma perspectiva materialista de análise dos processos semânticos também representa aceitar a premissa de que é inconcebível sancionar a validade atemporal e a permanência de qualquer condição historicamente construída (MÉSZÁROS, 2008).

Referências

ALTHUSSER, Louis. 1980. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. 3ª ed., Lisboa, Editora Presença/Martins Fontes, 120 p.

BILL, Mv. *Causa e efeito HD oficial*. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=8mEb55pQoYA>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

COUTINE, Jean-Jacques. *Analyse du discours politique: les discours communiste adressé aux chrétiens*. Langages. Paris, Larousse, n. 62, 1981: 9-128.

DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória? In ACHARD, Pierre ... [et al.]. *Papel da memória*. Trad.: José Horta Nunes. Campinas: Pontes Editores, 2010.

KRISTEVA, Julia. *El lenguaje, ese desconocido*. TRAD.: María ANTORANZ. Madrid: Editorial Fundamentos, 1988.

_____. LAGAZZI, Suzy. *Linha de passe: a materialidade significativa em análise* [online]. 2010, no. 16. Volume 2 - ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb –

Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>.

MÉSZÁROS, István. *Educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

ORLANDI, Eni. *Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

_____. *Cidade dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2004.

_____. *Violência e processos de individualização dos sujeitos na contemporaneidade*. In SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M. S. (orgs.). *Análise do Discurso: heranças, métodos e objetos*. São Carlos, SP:Claraluz, 2008.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad.: Eni Pulcinelli Orlandi ... [et al]. Campinas: Editora da Unicamp, 1995. 317p. Edição original: 1975.

_____. (1982). Ideologia – aprisionamento ou campo paradoxal. In ORLANDI, Eni (org.). *Análise do Discurso: Michel Pêcheux*. 3 ed. Campinas: Pontes, 2012.